

## Educação ambiental e o esverdeamento discursivo na contemporaneidade

*Educacion Ambiental y lo esverdeamento discursico en la contemporaneidad*

*Environmental education and speech green in contemporary times*

Isabel Ribeiro Marques<sup>1</sup>

Paula Correa Henning<sup>2</sup>

### Resumo

O presente resumo provém de inquietações que habitam uma tese de doutorado em andamento, em que se problematiza a, grande, aderência do verde a temas ambientais. Os discursos atrelados ao ambiente são constantemente pulverizados e enunciados a partir de diferentes espaços: revistas, jornais, embalagens de produtos e, muitas vezes podemos presenciar o incentivo ao consumo muito reforçado pelo subterfúgio verde: Consuma consciente! Pense verde! Produto amigo da natureza! Origem sustentável! Busca-se através da problematização de imagens provenientes da mídia e, sob aporte teórico de alguns autores da filosofia da diferença, instigar que se possa pensar sobre tantos discursos verdes, tantos ideais de verdade atribuídos as preocupações ambientais e suspeitar: Será mesmo que enquanto fizermos a nossa parte, sendo “ecologicamente corretos”, consumindo produtos que usam as questões ambientais em suas embalagens e etiquetas, ou então, agindo conforme os meios de comunicação orientam, ficará tudo bem? Quanto do que julgamos ser opinião própria, ou conclusões obtidas através de nossos olhares, não são formações discursivas que vem sendo constantemente introjetadas em nossos modos de vida? Nesse sentido a escrita deseja problematizar discursos ambientais, campeando meios de vislumbrar essa área tão importante através de outros vieses.

Palavras-chave: discursos; educação ambiental; esverdeante, verde.

### Resumen

El presente resumen proviene de inquietudes que habitan una tesis de doctorado en curso, en que se problematiza la gran adhesión del verde a temas ambientales. Los discursos relacionados con el medio ambiente son constantemente pulverizados y enunciados a partir de diferentes espacios: revistas, periódicos, envases de productos y muchas veces podemos presenciar el incentivo al consumo muy reforzado por el subterfugio verde: ¡Consuma consciente! ¡Piense verde! ¡Producto amigo de la naturaleza! ¡Origen sostenible! Se busca a través de la problematización de imágenes provenientes de los medios y, bajo aporte teórico de algunos autores de la filosofía de la diferencia, instigar que se pueda pensar sobre tantos discursos verdes, tantos ideales de verdad atribuidos a las preocupaciones ambientales: ¿Será que mientras hacemos nuestra parte, siendo "ecológicamente correctos", consumiendo productos que usan las cuestiones ambientales en sus embalajes y etiquetas, o bien, actuando conforme los medios de comunicación orientan, quedará todo bien? ¿Cuánto de lo que creemos ser opinión propia, o conclusiones obtenidas a través de nuestras miradas, no son formaciones discursivas que

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação Ambiental – FURG. Mestre em Educação e Tecnologia – IF Sul, Integrante do Grupo de Pesquisa Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia - GEECAF/FURG. Bolsista CAPES. Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: [isabel.marques.82@gmail.com](mailto:isabel.marques.82@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora e Mestre em Educação. Professora Associada da Universidade Federal do Rio grande – FURG. Líder do Grupo de Pesquisa Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia - GEECAF/FURG. Bolsista Produtividade do CNPq. Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. [paula.c.henning@gmail.com](mailto:paula.c.henning@gmail.com)

vienen siendo constantemente introyectadas en nuestros modos de vida? En ese sentido la escritura desea problematizar discursos ambientales, campeando medios de vislumbrar esa área tan importante a través de otros sesgos.

Palabras claves: discursos; educación ambiental; esverdeante; verde.

### **Abstract**

The present document comes from concerns that inhabit a doctoral thesis in progress. which problematizes the great adhesion of green to environmental themes. The discourses linked to the environment are constantly pulverized out from different spaces: magazines, newspapers, packaging of products and we can often witness the consumption incentive greatly reinforced by the green subterfuge: Consume consciously! Think green! friendly eco Product! Sustainable source! It is sought through the problematization of images from the media and , under the theoretical support of some authors of the philosophy of difference, instigate that one can think about so many green discourses, so many true ideals attributed to environmental concerns: be "ecologically correct", consuming products that use environmental issues in their packaging and labels, or else, acting as the media directs, will everything be okay? How much of what we judge to be our own opinion, or conclusions obtained through our looks, are not discursive formations that are constantly being inside into our ways of life? In this sense writing wants to problematize environmental discourses, championing means of glimpsing this important area through other biases.

Keywords: discourses; environmental education; esverdeante; green.

## **1. Introdução**

O trabalho tem seus fios puxados de uma tese que está sendo tecida. Provindo de um Programa de Educação Ambiental, os desassossegos possuem força propulsora com inquietações da constante atribuição do verde as questões ambientais. Com a tese, está sendo pensado e desenvolvido um conceito denominado “Discurso Esverdeante”. Aqui nesse exercício de escrita, almeja-se desfiar provocações para se pensar sobre ideias atribuídas a temática ambiental, que muitas vezes, se mostra aderida a noções de verdades, em que pouco se questiona ou se problematiza.

Desse modo, o artigo é dividido em quatro partes, em um primeiro momento, são explanadas questões gerais do trabalho e os contornos metodológicos utilizados, em seguida, na parte intitulada atravessamentos midiáticos e o verde, são apresentados articulações da educação ambiental com os discursos ambientais e apresenta-se algumas imagens que fazem parte do portfólio da tese e, assim, na sequência, são apresentadas as considerações e os pares teóricos utilizados.

## **2. Composição de uma tessitura**

Ao trazer à baila um conceito que está sendo construído em uma tese, convém destacar que o denominado “Discurso Esverdeante” emerge do desejo de problematizar verdades estabelecidas em relação as questões ambientais, dispersas em diferentes espaços, buscando

tencionar as forças que se produzem para que esses discursos verdes tomem corpo, lugar e espaço na contemporaneidade.

Quando se trata de verdade é sob inspiração foucaultiana que assim a entende: o conjunto de procedimentos que permitem a cada instante e a cada um pronunciar enunciados que serão considerados verdadeiros”. (FOUCAULT, 2006, p. 232-233). Provocando a olhar com desconfiança sobre tantas verdades previamente estabelecidas, verdades como fabricação, como efeitos discursivos. Pensa-se os discursos, mas reage-se à pobreza enunciativa, fala-se a partir dela e apesar dela, não definindo verdades, mas verificando a possibilidade de transformação, assim, o discurso pode deixar de ser o que é para, quem sabe, tornar-se um tesouro inesgotável de onde se pode tirar sempre novas riquezas, imprevisíveis a cada vez (FOUCAULT, 2008, p. 136).

Nomeia-se de “discurso”, sob fulcro em Michel Foucault, não como um conjunto de signos utilizados para designar coisas, mas entende-se os discursos como práticas que vão formando os objetos de que falam, de acordo com o que o autor supracitado preceitua:

(...) uma tarefa inteiramente diferente, que consiste em não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse "mais" que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (FOUCAULT, 2008, p.55).

Para tal proposta, são apresentados na sequência os contornos metodológicos que alinhavam tantas linhas que se atravessam, costuram e desejam compor um modo de disparar o pensamento.

## 2.1 Contornos metodológicos

Sem cair nos ideais de verdade colocados como estáticos, ou então, sem restringir o conhecimento a meras repetições e reproduções, levando em consideração toda subjetividade que possa estar envolvida, os contornos metodológicos são traçados. Alia-se a alguns pares, potentes operadores epistemológicos, para sustentar o percurso. Alguns autores inspiram, outros trazem embasamento, alguns inquietam e, outros, são efetivamente pares teóricos: desacomodam, provocam o pensamento e acompanham a caminhada. Dentre autores que poderiam ser entendidos por compartilhar esses espaços de pensamento, destaca-se: Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari e Friedrich Nietzsche, autores nacionais como Barbara Garré, Leandro Guimarães, Shaula Sampaio e Virginia Vieira, além de outras tantas

vozes que acompanham o percurso e ecoam, mesmo que não se saiba mais de onde vem o eco, introjetaram, e fazem parte do que se é.

Conforme comentado anteriormente, as inquietações que impulsionam o trabalho, são inspiradas em uma tese em andamento muito atrelada a diferentes imagens que reverberam com o subterfúgio verde. Para adensar ao texto essas inquietações tão pulverizadas e provenientes de diferentes aparatos, destaca-se algumas imagens coletadas em diversas mídias, para a composição do presente trabalho. Não se define uma única mídia, quando se vislumbra uma sociedade tão fluida e de agenciamentos coletivos tão presentes e atuantes, não se encontra isoladamente, em um único aparato a proliferação discursiva “esverdeante” tão cara e marcada como verdadeira nos dias atuais: o que salta aos olhos são as diversas maneiras em que os discursos esverdeantes interpelam e preenchem a contemporaneidade.

Para não cortar a fluidez de uma composição de imagens, o recorte metodológico é feito com a coleta de diversos materiais, diferentes ditos, visíveis e enunciáveis, sem indicar o foco, mas que um modo geral contém discursos que ajudam a compor. Isso pode se dar em uma propaganda, um anúncio de revista, um recorte de jornal, uma etiqueta, um selo, marca e/ou embalagens de produtos.

Com a escrita, recorda-se de um rizoma, não tem um início e um fim previamente definidos e sim, um meio que cresce e transborda; um entre; pensa-se no transversal; buscando fissuras para problematizar. Almeja-se uma composição rizomática aonde se olhe para diferentes atravessamentos que se pulverizam a todo instante, como possibilidade de se fazer dizer, pensar e olhar para algumas produções de sentidos que abarcam questões ambientais:

Diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza; ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos. O rizoma não se deixa reconduzir nem ao Uno nem ao múltiplo. Ele não é o Uno que se torna dois, nem mesmo que se tornaria diretamente três, quatro ou cinco etc. Ele não é um múltiplo que deriva do Uno, nem ao qual o Uno se acrescentaria (n+1). Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda (DELEUZE e GUATTARI, 2007 p. 31).

Pensando em uma composição rizomática aonde se olha um “meio” que cresce e transborda, colhe-se em diferentes mídias alguns atravessamentos em que os discursos esverdeantes podem ser vislumbrados.

### **3. Atravessamentos midiáticos e o verde**

As questões ambientais estão na pauta do dia. Basta que se fique atento: jornais estão abordando a matéria, ora pelos desastres, ora pela necessidade de ser consciente sobre a utilização dos recursos naturais, as revistas estão anunciando empresas que atuam com uma preocupação de redução de impactos, promovem produtos que convergem nessa onda “ambientalmente correta” com produtos ecológicos, o marketing verde está cada vez mais presente, são sacolas, embalagens, rótulos e selos distribuídos em diferentes setores de produtos e/ou serviços.

São incontáveis reverberações atreladas a matéria, percebe-se que muitos desses discursos ambientais são vinculados de maneira significativa aos ambientes naturais como flora, fauna, água e poluição, por exemplo. E, concomitantemente, são atrelados a ideais de verdade, demonstrando e educando sobre as melhores maneiras de agir e se comportar perante o planeta. Com isso, não raras vezes, os comportamentos humanos, parecem ser esperados de antemão, afinal: “temos que ser amigos da natureza”, “tomar banho muito rápido” e “reciclar”. Alguns conceitos, como “sustentável”, “sustentabilidade” “ecológico” e “natural” são usados a todo momento. (MARQUES, I; TEIXEIRA, J.; DIAS, R. 2018, p.220).

Garré (2015) diz que por onde se circula a educação ambiental se faz presente, ora educando, ora regulando nossas ações. A autora, subsidiada por Foucault, identifica uma espécie de “ortopedia discursiva”<sup>3</sup> em torno da questão ambiental, ensinando como e o que deve ser dito:

São cientistas, ecologistas, ambientalistas, biólogos, educadores, políticos, enfim, uma infinidade de especialistas convocados a falar sobre a problemática ambiental e sobre o que deve ser feito para minimizá-la ou contê-la. Existe, em torno do campo ambiental, uma espécie de explosão de discursos, na qual diversos segmentos da sociedade são convidados a participar. Precisamos constantemente ver e falar sobre a problemática ambiental vivida na atualidade. Somos tensionados a todo o momento a participar de algum modo dessa “grande catástrofe ambiental”, que acomete a todos. Desse modo, nossas ações individuais e coletivas vão sendo reguladas, controladas e conduzidas cotidianamente. Um novo sujeito passa a ser produzido a partir desses ditos e jogos de força operacionalizados em diversas instâncias sociais. (GARRÉ, 2015).

Muitos desses discursos, provém de diferentes mídias, que atuam fabricando verdades e modelando comportamentos diante da crise ambiental. Não se trata de negar a crise instalada no planeta, mas acredita-se que o campo de saber ambiental tenha sido impulsionado a partir da crise, articulado com a constante distribuição de discursos de verdade, mostrando o que fazer e como fazer.

---

<sup>3</sup> As autoras aliam esse conceito ao pensamento de Michel Foucault, a partir da obra “História da Sexualidade – a vontade de saber”.

Pinho, Magalhaes e Duarte (2018, p.75) afirmam que “o ambiente passa a ser um componente fundamental nas práticas discursivas dos mais variados grupos constituintes da sociedade desde os movimentos ambientalistas, passando por governos e empresários com atividades direcionados pelo conceito de sustentabilidade”. Henning *et al.* (2014) dizem que não há dúvida que desde o início da década de 90 há uma intensa preocupação com o futuro do planeta tanto por parte de empresas (governamentais ou não) e pela sociedade em geral e, com isso a educação ambiental vem ganhando força diante de um cenário habitado pelo medo, reforçado pela devastação do meio ambiente: aquecimento global, geleiras derretendo, lixo tomando conta do planeta etc.

Nos dias atuais, o medo, cada vez mais, vem tomando conta de nossas vidas. Esse sentimento, conhecido por todos os seres vivos ao longo da história da humanidade, parece que na modernidade tornou-se mais evidente. O medo de perda do planeta e do futuro da existência humana na Terra notavelmente atinge a todos nós em escala planetária. (HENNING *et al.*, 2015).

Os discursos de medo e terror pelo fim do planeta vem sendo constantemente reverberados por diferentes mídias. Fischer (1997) entende a mídia não só como veiculadora mas também como produtora de saberes, criando formas especializadas de comunicar e de produzir sujeitos, a autora afirma que na construção da linguagem das mídias, delineiam-se inúmeras estratégias comunicativas de formar e simultaneamente informar, atuando como materialidade discursiva, gerando e veiculando discursos. Gomes (2003, p. 77) diz que “enquanto mostram, as mídias disciplinam pela maneira de mostrar, enquanto mostram elas controlam pelo próprio mostrar”. Garré e Henning (2015) entendem a mídia como produtora de um modo específico de ver e de falar sobre a questão ambiental interpelando os sujeitos e vindo a atuar na produção de subjetividades, constituindo formas de olhar, dizer, fazer e pensar em relação às práticas ambientais na atualidade. Sampaio e Guimarães (2012) complementam:

Este sujeito é atravessado por uma profusão de imagens que conformam a necessidade de um mundo mais “verde”, mais sustentável – tanto aquelas imagens catastróficas (de florestas em chamas, de geleiras definhando) quanto aquelas “positivas” de experiências sustentáveis tidas como bem-sucedidas.

Deleuze (1976, p.3) expõe que não se encontra o sentido de alguma coisa se não se souber quais forças se apropriam da coisa, que dela se apoderam ou nelas se exprimem, nesse sentido, para que a temática pudesse ser ilustrada com veemência, lança-se olhares para imagens ambientais coletadas em diferentes mídias, aspirando problematizar a proliferação discursiva esverdeante que captura a todo momento.

Desse modo, ilustra-se na sequência da escrita (Figura 1) quatro imagens que fazem parte do portfólio da tese e que podem chegar por diferentes caminhos: um brinquedo infantil

“100% ecológico” e com a frase “preserve a natureza”, uma embalagem de açúcar com a inscrição “Plante árvores assim você a ajuda o meio ambiente”, uma imagem coletada em uma rede social que propõe um desafio dos 10 metros: “Toda vez que você for a praia recolha o micro-lixo a sua volta. Os animais o confundem com comida causando dor e sofrimento... seja consciente! Seja a mudança! Se todos fizermos teremos uma orla mais limpa a cada dia, a natureza agradece” e, ainda “fósforos ecológicos” em que se “economiza energia”.



Figura 1 – Imagens atreladas a discursos esverdeantes

Henning *et al* (2015) dizem que os discursos educam sob a ambivalente política da prevenção e do medo para que seja exercido um minucioso controle de ações individuais e para um coletivo que juntos repercutam na transformação do meio ambiente.

Em se tratando de mídias, as redes sociais são também, potentes propulsoras de informações e discursos, nesse sentido, destaca-se na Figura 2 cinco imagens provenientes do facebook<sup>4</sup> com ofertas de bicicletas sustentáveis em que cita: “nós somos a mudança”, outra página que comercializa produtos como fraldas “ecológicas e reutilizáveis”, um destaque para um lançamento de meias biodegradáveis que se decompõe em apenas 3 anos em um aterro sanitário, outra ilustra uma campanha para redução do uso de canudos plásticos, uma fábrica de revestimentos ecológicos para decoração e uma página do Instagram<sup>5</sup> denominada “Use

<sup>4</sup> Facebook é uma mídia social e rede social virtual lançada em 4 de fevereiro de 2004, operado e de propriedade privada da Facebook Inc.

<sup>5</sup> Instagram é uma rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais, como Facebook, Twitter, Tumblr e Flickr.

Natureza: A gente ama a natureza e quer dividir com você”. São notícias em tempo real, moldando, conduzindo e também preenchendo a subjetividade. Imagens que corroboram com a diversidade de setores que são permeados com os discursos esverdeantes:

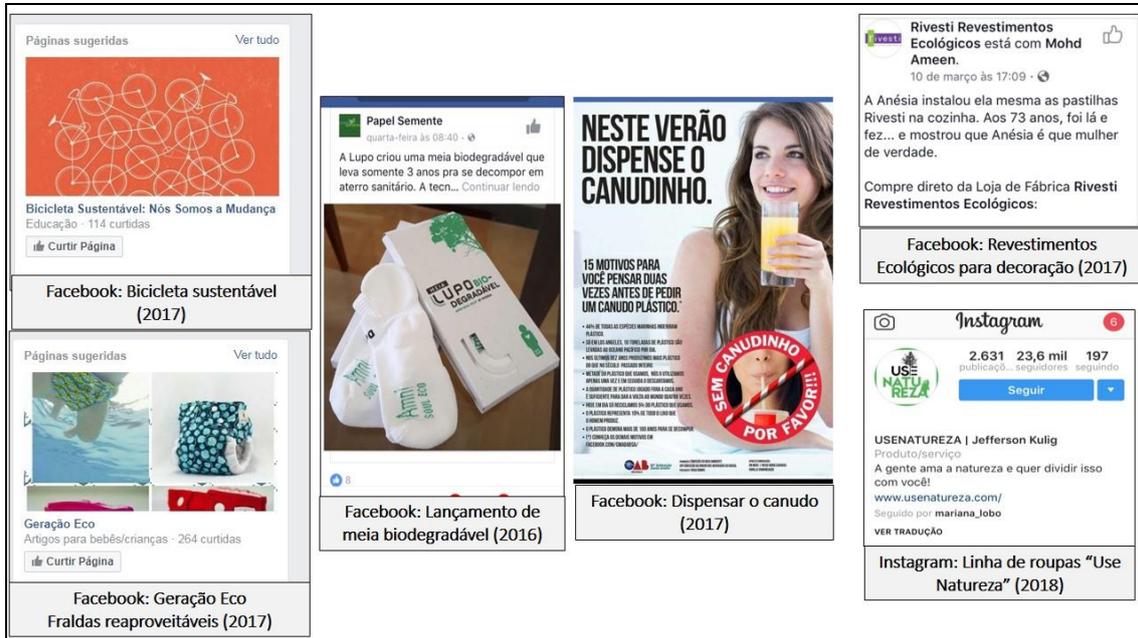


Figura 2 – Imagens de redes sociais atreladas a discursos esverdeantes

Destaca-se também imagens em que a “sustentabilidade” é destacada, duas capas do caderno Donna do jornal Zero Hora, cujas mesmas, abordam meio de transporte e estilos “sustentáveis” e duas páginas do Instagram, em que uma anuncia brechós *on-line* com conceitos “sustentáveis” e uma outra específica de arquitetura “sustentável”:



Figura 3 – Imagens atreladas a discursos esverdeantes

São exemplos pinçados para ilustrar o texto. Entende-se que toda atenção possa ser necessária ao se questionar sobre tais atravessamentos, visto que, tantas vezes os discursos podem estar tão impregnados que pouco se questione. “Preserve a natureza”, “Seja consciente”, “Seja a mudança”, “Ajude o meio ambiente”, “Pense verde”, tantas expressões tão reiteradas por diferentes mídias.

Buscando inspiração em Deleuze e Guattari (1997, p. 12) entende-se tais discursos como “palavras de ordem”, transmitindo o que se deve pensar, uma redundância de atos e enunciados, os próprios meios de comunicação e procedem por redundância, dizendo o que é necessário pensar, reter e esperar. Deleuze (1999, p.10) corrobora nesse sentido ao afirmar que “uma informação é um conjunto de palavras de ordem. Quando nos informam, nos dizem o que julgam que devemos crer. Em outros termos, informar é fazer circular uma palavra de ordem”.

O desejo é problematizar os atravessamentos midiáticos com discursos esverdeantes introjetados nos modos de vida, que muitas vezes estão tão dados que nem se problematiza tais discursos. Eles permeiam o dia-a-dia cotidianamente e, pensando com Nietzsche, podem ser tomados como ditos de um rebanho: educado, conduzido e moldado constantemente:

O homem do rebanho chama de verdade aquilo que o conserva no rebanho e chama de mentira aquilo que o ameaça ou exclui do rebanho. A verdade e a mentira são ditas a partir do critério da utilidade ligada à paz no rebanho. Assim, os gestos, as palavras e os discursos que manifestem uma experiência individual própria em oposição ao rebanho, ou não são compreendidos ou trazem mesmo perigo para aqueles que assim se mostrem. Portanto, em primeiro lugar, a verdade é a verdade do rebanho (NIETZSCHE, 2008, p.6).

As imagens coletadas em diferentes meios, tentam demonstrar que os discursos esverdeantes chegam de uma maneira ou outra e, não se trata de imagem como algo palpável, mas como diz Deleuze (2005, p. 61), buscando as visibilidades ao abrir as palavras, rachando as coisas, não se confundindo aos elementos visuais de um objeto ou uma coisa:

As visibilidades não são formas de objetos, nem mesmo formas que se revelariam ao contato com a luz e com a coisa, mas formas de luminosidade criadas pela própria luz e que deixam as coisas e os objetos subsistirem apenas como relâmpagos, reverberações, cintilações. (DELEUZE, 2005 p. 62).

A mídia impõe um peso imensurável a coletividade Beck, Vieira e Henning (2014), comentam que as identidades de consumo vão sendo educadas e construídas através de variados apelos, mecanismos e estratégias e torna ao mesmo tempo, consumidores e mercadorias já que os próprios consumidores servem de modelos para outras tantas pessoas consumirem, vindo a auxiliar também, na produção dos seus desejos, através de constantes

exercícios de persuasão. É um ciclo incessante! Guimarães *et al.* (2010) afirmam que algumas narrativas são tão recorrentes que se tornam “naturalizadas”, tornando-se como já dados no mundo.

Salienta-se com veemência que na utilização de discursos, das imagens (que muitas vezes falam por si), não pretende-se fazer juízo de valor sobre os produtos citados, o foco não trata de analisar a veracidade de seus ditos, tampouco se questiona a responsabilidade de rever certos hábitos de ser e agir preceituados. As imagens foram elencadas para exemplificar que os discursos esverdeantes, transitam em diferentes espaços, permeando a contemporaneidade e atuando constantemente. Recorda-se Deleuze que diz que pensar é ver, é falar, mas o olhar não pode permanecer apenas nas coisas, deve se elevar as “visibilidades”, assim como a linguagem não fique atrelada as palavras, afinal, pensar é poder! (DELEUZE, 2010, p. 123).

Após a contextualização do trabalho e apresentação de algumas imagens que fazem parte do portfólio da tese, apresenta-se na sequência as considerações por ora tecidas.

#### 4. Considerações

Através desses atravessamentos, a escrita é composta por motivações de uma tese que tanto se inquieta com o simplismo envolto a temática ambiental, onde os discursos esverdeantes permeiam diferentes espaços a todo momento. A pesquisa ora exposta busca cavoucar fissuras de pensamento e reflexão sobre tantas “verdades” que atravessam e constituem. Algumas dessas tão dadas e densas que pouco se ousa desfia-las.

Com as imagens em consonância com as palavras de ordem que acredita-se que estejam vinculadas, o convite é que se pense sobre os dinamismos de onde os ditos ambientais partem e se esparramam nos interstícios da vida. As imagens, os discursos, até mesmo as ideias que muitas vezes podem ser julgadas como próprias e pessoais já possuem conceitos envoltos em repetições: opiniões prontas de antemão.

Trata-se de um exercício de escrita, visto como um vivo movimento de composição, alinhavado com os efeitos da leitura; o contato com os autores, criando movimentos de força e de potência para pensar-se também a área ambiental como um todo. Será que quando se pensa em educação ambiental, meio ambiente ou ecologia por exemplo, as recorrências não seriam também de veras “esverdeadas”?

Embora o trabalho precise de um ponto quando um término é necessário, ainda não se o tem como concluído, visto que o desejo é que essas costuras aqui expostas possam ser propulsoras de questionamentos, reflexão e também de pensamento.

## Referências

BECK, D.; HENNING, P. E VIEIRA, V. Consumo e Cultura: modos de ser e viver a contemporaneidade. *Educação, Sociedade e Culturas*. N. 42, 2014, p.87-109. Disponível em <[www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/ESC42\\_08DinahBeck.pdf](http://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/ESC42_08DinahBeck.pdf)> Acesso em 30 março 2017.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed 34, 2010.

\_\_\_\_\_. *Foucault*. São Paulo: Editora brasiliense, 2005.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche e a Filosofia*. Rio de Janeiro: Editora Rio – RJ. 1976.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. vol. 1* São Paulo. Editora 34. 2007.

\_\_\_\_\_. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. vol. 2* São Paulo. Editora 34. 1997.

FISCHER, Rosa. B. *O Estatuto Pedagógico da Mídia: Questões de análise*. *Revista Educação e Realidade*. 22(2): 59:80 Jul/Dez.1997.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 7ª ed. 2008.

\_\_\_\_\_. *Ditos e escritos IV – Estratégia, Poder-Saber*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

GARRE, Barbara Hees. *O Dispositivo da Educação Ambiental: Modos de Constituir-se Sujeito na Revista Veja*. Tese de doutorado Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental 2015.

GARRE, Barbara; HENNING, Paula. Visibilidades e Enunciabilidades do Dispositivo da Educação Ambiental: A Revista Veja em Exame. *ALEXANDRIA Revista de Educação em Ciência e Tecnologia*, v.8, n.2, p.53-74, junho 2015 ISSN 1982-5153.

GOMES, Mayra Rodrigues. Poder no jornalismo. São Paulo: Edusp, 2003.

GUIMARÃES, Leandro; ZANCO, Janice, NIGRA, Gabriele Salgado e MELO, Sara. Tecendo educação ambiental e estudos culturais. *Revista Pesquisa em Educação Ambiental*. vol. 5, n. 2 – pp. 73-82, 2010.

HENNING, Paula Corrêa; RATO, Cleber Gibbon.; HENNING, Clarissa Côrrea; GARRÉ, Bárbara Hees. Educação Ambiental e Discurso: estratégias biopolíticas e produção de verdades. *Educação em foco*, Juiz de Fora, v. 19 n. 1, p. 221-242 mar. 2014 / jun. 2014.

HENNING, Paula Corrêa; VIEIRA, Virginia Tavares; HENNING, Clarissa Corrêa; SCHLEE, Renata Lobato. Mobilizar o medo para disciplinar as práticas: uma análise dos modos de persuasão das campanhas ambientais. *REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental E* - ISSN 1517-1256, V. Especial, jan/jun 2015.

MARQUES, Isabel. R., TEIXEIRA, Juliana. C., DIAS, Raquel. S.R. É possível resistir? Experimentações com Michel Foucault e Felix Guattari. In: HENNING. P; VIEIRA, V., MUTZ, A. *Educações Ambientais Possíveis: Ecos de Michel Foucault para pensar a Educação Ambiental*. Curitiba/PR: Editora Apris. 2018 São Paulo: Atheneu, 2000. p. 213-226.

NIETZSCHE Friedrich. *Sobre Verdade e Mentira no sentido extra-moral*. 2008. Disponível em <[http://imediata.org/asav/nietzsche\\_verdade\\_mentira.pdf](http://imediata.org/asav/nietzsche_verdade_mentira.pdf)> Acessado em maio de 2018.

PINHO, Sergio, MAGALHAES, Camila, DUARTE, Claudia. Discursos de Natureza: Problematizações no campo da Educação Ambiental. In: HENNING. P; VIEIRA, V., MUTZ, A. *Educações Ambientais Possíveis: Ecos de Michel Foucault para pensar a Educação Ambiental*. Curitiba/PR: Editora Apris. 2018 São Paulo: Atheneu, 2000. p. 213-226.

SAMPAIO, Shaula Maíra Vicentini de; GUIMARÃES, Leandro Belinaso. O dispositivo da sustentabilidade: pedagogias no contemporâneo. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 30, n. 2, p. 395-409, out. 2012. ISSN 2175-795X. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2012v30n2p395>>.

Acesso em: 09 abr. 2018.